



Universidade Aberta do Brasil - UAB

Universidade de Brasília – UnB

Curso de Licenciatura em Teatro

Éder Gomes de Oliveira

**ARTE-EDUCAÇÃO: UM ESTUDO CÊNICO SOB A RESISTÊNCIA E OS
CUIDADOSOS OLHARES ANCESTRAIS DA COMUNIDADE
QUILOMBOLA MATA CAVALO – LIVRAMENTO/MT**

**Cuiabá/MT
2023**

Éder Gomes de Oliveira

**ARTE-EDUCAÇÃO: UM ESTUDO CÊNICO SOB A RESISTÊNCIA E OS
CUIDADOSOS OLHARES ANCESTRAIS DA COMUNIDADE
QUILOMBOLA MATA CAVALO - LIVRAMENTO/MT**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Artes (IdA) da Universidade de Brasília (UnB) como requisito para obtenção do título de Licenciatura em Teatro.

Orientador(a): Prof. Ms. Ricardo Cruccioli Ribeiro

**Cuiabá/MT
2023**

1. ATA DA DEFESA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**EDER GOMES DE OLIVEIRA****2. ARTE-EDUCAÇÃO: UM ESTUDO CÊNICO SOB
RESISTÊNCIA E OS CUIDADOSOS OLHARES ANCESTRAIS DA
COMUNIDADE QUILOMBOLA MATA CAVALO DE
LIVRAMENTO/MT**

Trabalho de Conclusão de Curso em Licenciatura em Teatro do estudante **Eder Gomes de Oliveira**, apresentado à Universidade de Brasília - UnB, como requisito para obtenção do Título de Licenciado em Teatro, período 2023.2, com nota final igual a **MS**, sob a orientação do professor Mestre Ricardo Cruccioli Ribeiro.

Cuiabá-MT, 16 de dezembro de 2023.

Banca Examinadora:

Prof. Me. Ricardo Cruccioli Ribeiro

Orientador

Prof.^a Ma. Aline Seabra de Oliveira

Examinador

Prof. Dr. Jorge das Graças Velos

Examinador



Documento assinado eletronicamente por **Ricardo Cruccioli Ribeiro, Usuário Externo**, em 26/12/2023, às 14:22, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento na Instrução da Reitoria 0003/2016 da

Universidade de Brasília.



Documento assinado eletronicamente por **Jorge das Gracias Veloso, Professor(a) de Magistério Superior do Departamento de Artes Cênicas do Instituto de Artes**, em 26/12/2023, às 17:25, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento na Instrução da Reitoria 0003/2016 da Universidade de Brasília.



Documento assinado eletronicamente por **Aline Seabra de Oliveira, Usuário Externo**, em 26/12/2023, às 17:43, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento na Instrução da Reitoria 0003/2016 da

Universidade de Brasília.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.unb.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **10697802** e o código CRC **40D5FBB3**.

AGRADECIMENTOS

A realização deste trabalho só foi possível porque, ao longo desta jornada, um grande número de pessoas muito especiais me deram apoio, carinho e palavras de incentivo. gestos simples do dia a dia, como assumir tarefas para me dedicar aos estudos, respeitar minha ausência em aglomerações e reuniões, enfim, pelos mais variados meios.

Estas são as pessoas a quem quero agradecer muito por todo o cuidado que tiveram comigo durante este tempo de devoção ao mestre.

Quero fazer um agradecimento especial à minha família.

Ao meu companheiro de jornada, Gleisson Roger de Paula Coêlho por tudo que fez e faz por mim. Pelo amor que sempre me deu e por permitir e incentivar minha jornada educacional.

À Gleice Fátima e Olinda, por suportar minhas ausências em momentos importantes, meu mau humorismo em algumas situações, os finais de semana que não pude dedicar a elas, pela paciência e carinho que foi cabido em todo este tempo de mestrado.

Aos meus irmãos Heloisa Gomes de Oliveira e Tiago Gomes Camargo, e todos os irmãos do meu coração que a vida me trouxe. Cada um foi importante à sua maneira neste processo.

Agradeço ao meu orientador, Ricardo Cruccioli Ribeiro, por me acolher e me orientar na pesquisa educacional. Pelos ensinamentos, pelas oportunidades, pela paciência, pelo apoio, pela amizade, pela ética e pelo profissionalismo provados. Fica aqui a minha admiração.

RESUMO

Ao considerar, ao longo da história, que as memórias dos povos originários e afro-indígenas das comunidades tradicionais, que se depararam com a invisibilidade e silenciamento no campo acadêmico, por desconsiderar suas potências e resistências, saberes corporificados por suas vivências culturais destacando a diversidade de significações construídas e simbolizadas pelo conhecimento tradicional e religioso. Com objetivo em identificar e descrever as experiências cênicas vivenciadas pelos moradores do Quilombo Mata Cavalos, distrito do município de Nossa Senhora do Livramento/MT, mediante ações ou mecanismos estratégicos associados às suas vivências de cultura singular, entrelaçando a educação não formal à educação formal que se cruzam nesse espaço. Ao abordar a cultura, a complexidade que existe entre pensamento e linguagem. Existe uma universalidade que nos toca, mas a singularidade, gera a impossibilidade de explicar, pois não se exaure. Merleau-Ponty (1999), mostra-nos que, o fenômeno transcende o sujeito, pois o fenômeno se dá em possibilidades infinitas de relações desse sujeito não somente no mundo, mas com o mundo e sua enorme abrangência. Paulo Freire (1996, 1987), por sua vez, por suas abordagens trás o *esperançar* de outros mundos possíveis, maiores do que nós, apostando em uma educação libertadora, pautadas pela descoberta de aprendizagens, lutas e resistências por nossa responsabilidade e amorosidade. A metodologia adotada para este trabalho foi a pesquisa participativa, etnográfica por descrição, conversando com as/os moradoras (es), permanentes da comunidade em estudo, que foram entrevistadas. A fonte da coleta de informação sobre práticas educativas não formais, foi com entrevistas, registros em áudio, gravações e anotações em caderno de campo e a aplicação de um questionário para os moradores.

Palavras - chave: Vivências. Resistência. Experiências cênicas. Etnografia. Quilombo Mata Cavalos

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURAS

Figura 01: Mapa atual do Quilombo Mata Cavalo	10
Figura 02: Processo de construção de Mata Cavalo	12
Figura 03: Quilombo Mata Cavalo em 1883	13
Figura 04: Senhor Antônio Mulato	14

FOTOGRAFIAS

Fotografia 01: Altar montada em um casebre na comunidade Mata Cavalo	21
Fotografia 02: Dança do Congo no Quilombo Mata Cavalo	22
Fotografia 03: Ensaio de Siriri	24

GRÁFICO

Gráfico 01: Principais Religiões em Mata Cavalo	20
-------------------------------------------------	----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	06
Capítulo 01 – OLHARES E SENTIDOS PARA A COMUNIDADE QUILOMBOLA MATA CAVALO: A CONTEXTUALIZAÇÃO DO LOCUS DA PESQUISA	09
1.1 Emancipação de Mata Cavallo	10
1.2 Origem do Quilombo	11
Capítulo 02 – O UNIVERSO DA MEMÓRIA E DA IDENTIDADE	15
2.1 Memórias e Resistências	16
2.2 Religiosidade e cultura quilombola	19
2.3 Congo	22
2.4 Siriri	23
2.5 2.4 Arte-educação como mediação de diálogos entre história e memórias	25
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	26
REFERÊNCIAS.....	27

INTRODUÇÃO

Este estudo está inserido no Trabalho de Conclusão do Curso (TCC) em licenciatura em Artes Cênicas habilitação teatro pela Universidade de Brasília (UnB). A pesquisa foi realizada no âmbito da comunidade Quilombola Mata Cavalo, de Livramento/MT, relacionando os saberes desta comunidade tradicional com as teias das educações¹ que a circundam.

A construção da identidade brasileira, desenvolvida no início do século XX negou identidades e tradições, pois não foram registradas, ao mesmo tempo em que, nem tudo que se encontra registrado, nos livros acessíveis, representam a totalidade dos acontecimentos. Contudo, encontra-se viva e vivida no tempo, toda a sorte de cultura, transportada por intermédio de sua oralidade e de manifestações diversas. Sendo assim, entendemos como imprescindível que, os espaços de educação formal, olhem os sujeitos, na condição de estudantes, que podem trazer para a sala de aula suas experiências cotidianas, encharcadas com os saberes herdados de suas “mães/avós/anciãs” que, por muito tempo sofreram e sofrem com as tentativas de silenciamento e ocultamento, desse modo, a partir das aprendizagens significativas, toda a sua ancestralidade pode ser visibilizada, e assumir o protagonismo dessas educações.

O presente estudo, nasce de um sonho entrelaçado, de um esperar, cheio de lutas que não são somente minhas, somos muitos e muitas neste cirandar. Como poderei expressar minha singularidade em palavras comunicantes? Como anunciar minha identidade própria e singular, - única deste olhar meu, em trocas, e por sobre os outros olhares do mundo? Como descobrir a forma de revelar isso em palavras, uma vez que são vivências, sobretudo, da minha condição de jovem, homem, professor deste lugar, que ao perceber a relevância, em especial, das práticas matrilineares remanescentes, cujas identidades, me foram reveladas em experiências vividas, e não contadas, que sob o viés de suas múltiplas dimensões, percorreram por diversos contextos - sociocultural, ecológico, religioso, econômico e educacional? Como entender essa conexão tão minha, não apenas como pessoa da comunidade, mas também como professor, que atua na área da educação

¹ Termo educações, utilizado por Paulo Freire, vem no sentido de esclarecer que: “não existe a educação, mas educações, ou seja, formas diferentes de os seres humanos partirem do que são para o que querem ser”. “Romão (2010, p. 133-134) defende que as várias “educações” se resumem basicamente a duas: a “bancária”, que torna as pessoas menos humanas, porque alienadas, dominadas e oprimidas; e a “libertadora”, que faz com que elas deixem de ser o que são, para serem mais conscientes, mais livres e mais humanas” .

formal, mais especificamente na escola municipal educação básica do campo, que se finca e se atrela na comunidade em estudo.

Freire (1996) concebe uma educação libertadora, pela qual a questão mais relevante era o compromisso com a vida vivida – aquela que expressa os sentidos e vivências, que entrelaça as pessoas, entre si, enquanto seres dotados de capacidade de metamorfosear-se, cuja vida deveria ser (re)construída através da reflexão da sua existência enquanto corpo próprio² ser no mundo, encarnado, capaz de atuar no espaço/tempo para uma mudança de paradigma.

Este estudo não busca possuir um objeto de pesquisa definido, nem almeja criar um sistema fechado que, “acabe jogando fora o objeto e ficando só com o sujeito ou vice-versa.

Como as práticas do saber-fazer ancestral, que se encontra encharcada em múltiplas dimensões, é sentida no território da educação escolar na comunidade do Mata Cavalos?

Posto isso nosso objetivo geral é socializar experiências da prática de saberes, associada na perspectiva das resistências, que desaguam em múltiplos sentidos de educação, que, sejam alinhavadas pelas (os) moradoras (es) Comunidade Quilombola - Mata Cavalos, município de Nossa Senhora do Livramento/MT. E assim segmentados pelos objetivos específicos: identificar e descrever o na vocalidade das performances culturais tradicionais das festas de santo e folias; investigar uma construção cênica na linguagem em questão, compreendendo seus princípios estéticos e políticos, utilizando como pré-texto a história do Quilombo Mata Cavalos.

Esta é uma pesquisa de caráter qualitativa que segue, portanto, duas orientações epistemológicas, que se alinhavam, seguindo o caminho na perspectiva da antropologia voltada para à Descrição Densa de Clifford Geertz, salientando o conceito de etnografia e cultura; e a perspectiva da filosofia, com a intenção da compreensão da descrição fenomenológica por Merleau-Ponty. A Fenomenologia *MerleauPontyano*, porque possibilita esmiuçar e interpretar os fenômenos subjetivos que envolvem os participantes, o outro e o mundo na sua essência e múltiplas relações e dimensões. *A etnografia é uma descrição densa* (Geertz, 1978, p. 20), onde o pesquisador precisa primeiramente aprender para depois apresentar, busquei fazer as interpretações de primeira mão, sem renunciar à rigorosidade, honestidade e compromisso com a veracidade dos fatos.

Freire destaca a importância do ato de pesquisar para com a formação de educadores/as, pesquisadores/as:

² Corpo próprio (*Corps Propre*) de Merleau-Ponty.

Fala-se hoje, com insistência, no professor pesquisador. No meu entender o que há de pesquisador no professor não é uma qualidade ou uma forma de ser ou de atuar que se acrescente à de ensinar. Faz parte da natureza da prática docente a indagação, a busca, a pesquisa. O que se precisa é que, em sua formação permanente, o professor se perceba e se assuma, porque professor, como pesquisador (Freire, 1996, p. 32).

As entrevistas foram realizadas de forma presencial. Nas conversas/ entrevistas com as(os) participantes foram usados os recursos como o gravador de áudio, câmeras fotográficas, anotações de observações consideradas relevantes em um caderno de campo.

As entrevistas foram semiestruturadas, tendo como suporte alguns tópicos, questões, que tiveram como propósito facilitar o diálogo. Tópicos que não tiveram a intenção de fechar os diálogos, mas de abrirem novas possibilidades. Os tópicos levantados com as guardiãs/ões de alguns saberes da comunidade foram: como é para você morar na comunidade? Que aprendizados dos mais velhos você carrega? É possível passar esses aprendizados para seus filhos e filhas? Descreva como você vê a relação da comunidade com o Meio Ambiente; e, existe alguma mudança sob seu olhar? De modo geral, as (os) moradoras (res) relataram suas trajetórias de vida, demonstrando comprometimento com questões ambientais e socioculturais da comunidade.

Freire (1987) reforça o trabalho do pesquisador por meio coletivo na inserção de diálogos e novos saberes:

O diálogo não é um produto histórico, é a própria “historicização”. É ele, pois, o movimento constitutivo da consciência que, abrindo-se para a infinitude, vence intencionalmente as fronteiras da finitude e, incessantemente, busca reencontrar-se a si mesmo num mundo que é comum; porque é comum esse mundo, buscar-se a si mesmo é comunicar-se com o outro. O isolamento não personaliza porque não socializa. Intersubjetivando-se mais, mais densidade subjetiva ganha o sujeito (Freire, 1987, p. 16).

Para fins de fundamentação teórica em buscassem trazer fundamentos sobre Arte-Educação, Ancestralidade, Quilombola, Identidade/Memória, Educação e Artes Cênicas.

Partindo da construção do corpus dissertativo, o trabalho está subdividido em dois capítulos. Deste modo, organizamos a estrutura desse trabalho da seguinte forma: iniciamos com a introdução, apontando os objetivos da pesquisa, a problemática e as justificativas de escolha do tema. O 1º capítulo, intitulado “Olhares e sentidos para Comunidade Quilombola Mata Cavalão”, apresenta os elementos da contextualização histórica sobre esse lugar e de seus múltiplos saberes. No 2º capítulo, de nome “O universo da memória e da identidade”, traz discussões sobre simbologias existentes na comunidade quilombola; religiosidade; costumes; e elementos culturais.

Capítulo 1 - OLHARES E SENTIDOS PARA A COMUNIDADE QUILOMBOLA MATA CAVALO: A CONTEXTUALIZAÇÃO DO LOCUS DA PESQUISA

“A semente sagrada quilombola, germinou no solo da diáspora, cultivando oralidade, natureza é raiz ancestralidade, jardim adubado em solo sagrado é consciência, nossa resistência, é sustentabilidade da resiliência, frutos vingados numa diversidade trajetória, marcada em lutas por equidade.” (Eli Odara Theodoro)

Trago aqui as reflexões da liderança quilombola no cenário das identidades cultural e carga histórica do negro no Brasil, Eli Odara Theodoro, em suas falas a autora destaca: *“cultivando oralidade, natureza é raiz ancestralidade, jardim adubado em solo sagrado é consciência, nossa resistência, é sustentabilidade da resiliência, frutos vingados numa diversidade trajetória, marcada em lutas por equidade”*, posto a isso buscaremos dissertar sobre as marcas deixadas de geração a geração pelos antepassados quilombolas sobre os registros artísticos vividos até hoje.

A terra do Quilombo³ Mata Cavallo, como estamos agora sempre que for designado como resíduo sem alterar o seu estado, constitui um catalisador para o sentimento de pertença ao seu território. Dentro do percurso histórico, os ancestrais criaram raízes, através de quem construíram seus elementos culturais, uma identidade marcada pela singularidade dos escravos negros e fugitivos.

Para além do significado de pertencimento, a questão mais essencial é a história da ancestralidade de Mata Cavallo reside no fato de que esta comunidade existente por conta da terra. Esta é uma doação da [antiga] Sesmaria Boa Vida para os escravos e ex-escravos de D. Anna da Silva Tavares, que existiram de forma concreta no próprio Quilombo. A partir do território redesignado na diáspora, descendentes desses escravos carregam a memória de seus antepassados, fazendo seu espaço livre sem nem pensar que precisam estar em luta constante pelo seu povo e suas terras.

O chão, expressão de sonhos e possibilidades, costuma ser regado com vermelho de um tom de intolerância, um testemunho da energia e determinação de homens, mulheres e crianças moldados no tempero preciso dos ideais de resistência sempre foi um modo de vida peculiar desse lugar.

³ De acordo com o senso comum a palavra “quilombo” de imediato implicaria a ideia de um lugar longínquo e de difícil acesso, um espaço de fuga. Na realidade, existem inúmeras outras formas de classificação dos quilombos e entre elas a resultante de atos de doação, como foi o caso no Mata Cavallo. Trataremos desse assunto de forma pormenorizada ainda neste capítulo, no subitem “remanescentes de quilombo – conceitos”.

Esse mundo, dividido entre o velho e o novo, conserva a “aura da negritude” de seu universo cultural, cultivando tradições que vão se modificando, no interior de uma sociedade que se quer moderna, sem, contudo, perder sua essência fundamental, uma essência que não é somente africana, mas afro-brasileira, resultante do encontro de povos diferentes e do caráter híbrido de sua população.

1.1 Emancipação de Mata Cavallo

O Quilombo Mata Cavallo está localizado no município de Nossa Senhora do Livramento, a cerca de 50 km, capital do estado de Mato Grosso, Cuiabá. Processo de formação iniciou-se em meados do século XIX, quando os antepassados escravizados libertos e adquiriu terras de sua antiga senhora e neste lugar formou-se um território, hoje habitado por mais de 400 famílias.

Sua história é vista por inúmeras transgressões, violência e expropriação de terras e constantes lutas por espaços. O território fugitivo atual é dividido em seis locais, todos têm uma associação registrada: Aguassú, Ponte da Estiva (Fazenda Ourinhos), Ventura Capim Verde, Mata Cavallo de Baixo, Mata Cavallo de Cima e Mutuca.

Figura 01: Mapa atual do Quilombo Mata Cavallo



Fonte: Campos, Juliana Soares, 2022.

Em 2007, a comunidade recebeu um certificado auto reconhecido quilombola da Fundação Cultural Palmares. Ficando registrado como território tradicional O INCRA determinou uma área de 14.690,34 hectares, pelo relatório (RTID) publicado em Diário Oficial da União no ano de 2006.

No ano de 2009 foi dado o parecer em decreto presidencial declarando a área como interesse social, decisão de desapropriação de propriedade privada instalações existentes no local.

Este é o passo antes da titulação em regularizar todo o processo do território quilombo. No entanto, oito anos após a publicação, o título ainda não foi feito. Em que a situação preocupava os quilombolas pois estava em sensação de vulnerabilidade.

1.2 Origem do Quilombo

Nossa Senhora do Livramento teve o início de seu processo de povoamento em 1726, quando se fazia garimpo em Cuiabá. À época, os mineiros iam avançando para mais longe, adentrando no interior do estado e procurando fugir do aumento dos impostos gerados pela coroa portuguesa. Ao descobrir ouro às margens do Ribeirão de Cocais, começou o processo de ocupação do local onde atualmente se localiza o município. O auge da ocupação se deu na última década do século XVIII, com o cultivo da cana-de-açúcar e da pecuária em particular e do continuado trabalho escravo.

A terra conhecida hoje como Mata Cavallo, centralizada nessa região, alinhada com as sesmarias Santana, Boa Vida e Caracará. O mapa abaixo apresenta a divisão da Sesmaria Boa Vida – Mata Cavallo no início de sua criação.

Anna da Silva Tavares e Ricardo Alves Basto, 1850 ganhou uma sesmaria com instalação em leilão público denominada Boa Vida, faz parte do acervo das sesmarias da zona central de Nossa Senhora do Livramento. A propriedade fazia limite entre as terras de João Lopes de Abreu, casado com a Irmã de D. Anna. Juntas, essas terras formaram a Sesmaria do Ribeirão do Matar Cavallo. Testamento público de Ricardo Alves Basto, 1874 Constituiu D. Ana como herdeira universal do seu espólio, pois não teve filhos. Caso a esposa falecesse a Sesmaria Boa Vida seria transferida para um homem chamado Francisco José da Silva. Além disso, seus escravos desfrutariam de uma vida totalmente livre: “liberdade total, como se tivessem nascido em um “ventre livre”. Junto do inventário constava 4 homens livres e 30 escravizados que ganhariam a liberdade se sua esposa viesse a morrer.

Figura 02: Processo de construção de Mata Cavallo



Fonte: Cristiane Almeida, 2018.

Barcelos (2011) contextualiza, por meio de sua pesquisa, achados sobre o processo de construção de Mata Cavallo no início de seu povoamento:

A história da Comunidade de remanescentes do Quilombo Mata Cavallo confunde-se com a própria história de Cuiabá, e com a formação da cidade de Livramento. A ocupação território remonta os anos 1726/27, cento e nove anos antes da assinatura da Lei nº 11, de 26 de agosto de 1835 que instituiu oficialmente a fundação do Distrito de Nossa Senhora Livramento. Em 1726 o capitão general da Capitania de São Paulo, Rodrigo César de Meneses, chega a Cuiabá com determinações da Coroa portuguesa para implementar a política de cobrança de impostos sobre a mineração – o célebre quinto – satisfazendo aos anseios de uma corte ávida por metais preciosos. Essas medidas causaram descontentamento entre os garimpeiros da região, forçando-os a buscar novos garimpos longe da área de influência lusitana. Assim, “em 1730, os sorocabanos Antonio Aures e Damião Rodrigues descobriram ouro à margem do ribeirão chamado Cocais, a 6 léguas de Cuiabá e a 3 quilômetros [sic] do local onde mais tarde se formou o povoado de Nossa Senhora do Livramento”.¹¹⁹ Essa data marca o início da extração de ouro na região compreendida pelas imediações do Ribeirão dos Cocais, um dos afluentes do Rio Cuiabá. De acordo com Carlos Alberto Rosa, Doutor em História Social pela USP, professor do departamento de História da Universidade Federal de Mato Grosso, “Nos anos 1740, documentos se referem à existência de unidades produtivas agrícolas e agro-manufatureiras na área dos Cocais: no Ribeirão, uma 119 Ferreira, João Carlos Vicente. Op. Cit. P. 517.65 unidade central, polarizadora, composta de Fazenda, Engenho e Capela, pertencente ao clã José Paes Falcão” (Barcelos, 2011, p. 34).

Em 1883, D. Anna registou a escrituração no registro de 1º ofício – cartório de Nossa Senhora do Livramento em que confirmava o testamento expresso do marido e acrescentando que queria doar "como dona da parte em declive da ribeira chamada “Mata Cavallo”, parte dos escravizados da Sesmária Boa Vida, inclusive os libertos no inventariado de seu esposo Ricardo

José Alves Basto. Ela também doou outra parte da Sesmaria de Boa Vida, que foi dada a um senhor de nome Leopoldino A. Costa. Assim começou a comunidade Mata Cavallo: doando as terras aos negros recém-libertos que se tornaram oficialmente proprietários de parte da Sesmaria Boa Vida.

Figura 03: Quilombo Mata Cavallo em 1883



Fonte: Cristiane Almeida, 2018.

Documentos de 1890 mostram que em D. Ana e um casal da elite local embarcam em uma operação da retirada dos negros alforriados, qualquer outra pessoa que tenha tomado a terra de Sesmaria Boa Vida, que se diz proprietária do imóvel e herdeira de Francisco José da Silva, mencionado no testamento. A ação não é feita, Líbero consegue ficar no terreno de Mata Cavallo. Esta parece ser a primeira de muitas tentativas de exploração expropriar a terra herdada por esses escravos fugitivos. Após receberem doação de terras, ex-escravos fugitivos construíram uma casa na parte baixa da região. O Ribeirão Mata Cavallo Limita com os riachos Estiva e Mutuca. Com a revogação, este núcleo original cresceu, acolhendo novos libertos e avançando a ocupação para cabeceira do Ribeirão Mutuca e da Sesmaria Rondon.

Na área quilombola, desenvolveram modo de vida autônomo coletivo, quebrando a ordem de desapropriação e subordinação historicamente impostas pela elite branca. A terra é comum: pertence a todos da comunidade. O licenciamento de direitos de uso da terra é baseado em parentesco, especialmente em vista dos descendentes escravizados nas terras da Sesmaria Boa Vida.

Considerado a afinidade de companheirismo e devoção aos santos, também produziam, assim, laços de sangue. Admitido em Mata Cavallo significa poder viver, cultivar, usufruir dos recursos naturais e residir na comunidade até os filhos e netos. Senhor Antônio Mulato, o fugitivo

mais antigo, hoje com 112 anos, disse que uma das escravas que apareceu na lista do sesmeiro Ricardo Alves Basto é sua bisavó paterna, Beatriz, filha dos africanos Francisco e Rita, e mãe de 5 filhos. Dentre esses descendentes, Gregório (avô do Sr. Antônio) casou-se com Januária e teve vários filhos, um deles era o pai do Benedito Gregório, pai do Sr. Antônio. Sua mãe, Marcelina, também é descendente de Beatriz.

Figura 04 - Senhor Antônio Mulato de 112 anos



Sr. Antônio Mulato
Foto: Antônio Cruz. Fonte: Agência Brasil <https://fotospublicas.com/conheca-rotina-dos-moradores-da-comunidade-quilombo-mata-cavalo-em-cuiaba/>. Acessado em outubro de 2017.



Fonte: Agência Brasil, 2023.

A maioria deles "tem idade suficiente para [precisar carregar] um porrete". Um deles era sua própria bisavó Beatriz, que era muito velha. Ele também "andava de muletas". Sendo cega participava das festividades. "Papai levava ela em cima e um cavalo", "Não fui a lugar nenhum porque não conseguia enxergar. Eu fui, só pela diversão de festejar." (Sr. Antônio Mulato, 2022).

Moradores da Nossa Senhora do Livramento destacam como uma característica da comunidade Mata Cavallo é o extenso parentesco: "Lugar onde só tem preto", "casaram muito... são parentes, ambos descendentes do primeiro", disseram eles.

Capítulo 2 - O UNIVERSO DA MEMÓRIA E DA IDENTIDADE

“[...].
Negro do Brasil
herdeiro de antiquíssimas culturas,
arquiteto de músicas
no sortilégio das macumbas
surge a pátria integral,
fortalecida por tuas alegrias e tuas lágrimas.
 [...]

Nossa dor é a fonte
de nossas próprias angústias.
Nossa voz está unida, por sua essência,
à voz do passado,
cópia de ecos
onde sonoros abismos
colocaram em profundidade, e o tempo
suas distâncias. [...].”
 (Jorge Artel – autor colombiano)

Nas inferências do escritor colombiano Jorge Artel trazemos o verso – “*negro do Brasil herdeiro de antiquíssimas culturas, arquiteto de músicas*”, em que a preservação da cultura quilombola remanescente é um marco da história da cultura brasileira. É neste capítulo buscamos discutir, por meio de entrevistas, documentos e observação participante realizada por este pesquisador, que nos levam a refletir sobre os fiéis e a memória do sagrado presentes na comunidade quilombola de Mata Cavalo. Sendo fundamental observar e descrever a devoção dos quilombolas em meio as festividades, criando assim uma ligação entre a fé e as artes: como as danças, a musicalidade e o cênico demonstrado pelos habitantes do local.

Em constante movimento, as festas de santos ressignificam símbolos e revelam diferentes visões de mundo e de classe, o que pode significar “a destruição das diferenças entre os indivíduos e, como tal, estão associadas à violência e ao conflito, pois são as diferenças que mantêm a ordem” (Amaral, 1998, p. 30).

Descreve Brandão (2001):

A festa quer lembrar. Ela quer ser a memória do que os homens teimam em esquecer – e não devem – fora dela. Séria e necessária, a festa apenas quer brincar com os sentidos, o sentido e o sentimento. E não existe nada de mais gratuito e urgentemente humano do que exatamente isto (Brandão, 2001, p.17).

Conforme analisado pelo historiador Flavio Gomez (2003), as festividades quilombolas enfocam a história da escravidão e dão atenção a sujeitos marginalizados pelo contexto histórico do Brasil.

Passados 115 anos da abolição, o Brasil tem uma população negra (o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística classifica-a de pardos e pretos) de mais de setenta milhões de pessoas. Trata-se do segundo maior país de população negra do mundo; o primeiro é a Nigéria. Não obstante isso, no Brasil, a população é quase invisível (Gomes, 2003, p. 13).

Por sua vez, as festas de santos do quilombo expressam elementos de uma gama de crenças e práticas rituais às pessoas que foram escravizadas, compõem o “sujeito-objeto” da trama. A religião se posiciona como traçados religiosos, uma materialidade de entidades em um complexo sistema de redes, fluxos, rituais e performances.

Sobre modos e significações, Antônio Bispo dos Santos (2015) destaca:

[...] vamos compreender por contra colonização todos os processos de resistência e de luta em defesa dos territórios dos povos contra colonizadores, os símbolos, as significações e os modos de vida praticados nesses territórios. Assim sendo, vamos tratar os povos que vieram da África e os povos originários das Américas nas mesmas condições, isto é, independentemente das suas especificidades e particularidades no processo de escravização, os chamaremos de contra colonizadores. O mesmo faremos com os povos que vieram da Europa, independentemente de serem senhores ou colonos, os trataremos como colonizadores (Santos, 2015, p.49).

Nesse viés, surgiu o conceito de sujeito contra o colonialismo, desenvolvido por Santos (2015) embora reconheça um passado colonial que ressoa no presente, manifesta desaprovação e aprovação desta estrutura, contra incorporação imperioso, termo que o sujeito colonial declara.

2.1 Memórias e Resistências

Ao reconhecer a história afrodescendente como uma categoria sócio-histórica, antropológica, incluindo as suas vivências, ações e experiências de grupos, criando assim elementos que nos ajudam a reformular conceitos. O resultado é a história restaurada através da memória desta comunidade, de esforços constantes para preservar as tradições dos antepassados, tradição proveniente o amadurecimento do desenvolvendo de memórias de um mundo perdido no tempo, o mundo simbólico de África deixado pelos nossos antepassados.

Nos apontamentos de bell hooks (2019) o negro é o agente da própria história entre lutas e ressignificação:

Os ensaios críticos reunidos em Olhares negros: raça e representação são gestos de desobediência. Eles representam minha luta política para ampliar as fronteiras da imagem, encontrar palavras para expressar o que vejo, em especial quando observo formas que vão contra a corrente, quando estou vendo coisas que a maioria das pessoas simplesmente não quer acreditar que estão ali. Estes ensaios são sobre identidade. Uma vez que a descolonização como um processo político é sempre uma luta para nos definir internamente, e que vai além do ato de resistência à dominação, estamos sempre no

processo de recordar o passado, mesmo enquanto criamos novas formas de imaginar e construir o futuro (hooks, 2019, p. 37).

Santos (2021) faz um resgate das marcas e registros desse povo:

Ao receber a herança, já condição de pessoas livres, luta agora é para vencer os preconceitos de uma sociedade racista, hierarquizada, e para assegurar seus direitos sobre as terras. Sua história é marcada pelas lutas constantes de homens e mulheres em prol da sobrevivência material e cultural do grupo, bem como a luta pela manutenção de seus direitos territoriais. Os relatos de violência contra os moradores, são registrados ao longo de sua história da escravidão aos dias atuais. Os quilombolas foram e continuam sendo alvo dos desmandos de fazendeiros e da omissão do poder público. Os descendentes são herdeiros do território onde vivem. Pois historicamente, nenhuma terra foi legalmente destinada aos escravos e a seus descendentes. Porém houve ao longo do período escravista, alguns senhores doaram terras a libertos e descendentes, por prestação de algum tipo de serviço. E também escravos que ocuparam as propriedades falidas de seus antigos senhores. Mata Cavalo integra um destes aspectos da história fundiária do Brasil. Eles receberam as terras denominadas Sesmaria da Boa Vida, da senhora Dona Anna da Silva Tavares, no final do século XIX.

Conceder atributos que margeiam às identidades de homens e mulheres africanos e aos descendentes de seu tempo. Importante ressaltar o conceito de identidade, para Norton (2000) entende como “a maneira como uma pessoa entende sua relação com o mundo, como essas relações são estruturadas no tempo e no espaço, e a maneira como uma pessoa entende as possibilidades futuras” (Norton, 2000, p. 05).

Assim para Castells (1999, p. 22) traz uma clara definição:

entendo por identidade o processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o(s) qual(ais) prevalece(m) sobre outras fontes de significado. Para um determinado indivíduo (...) [há] identidades múltiplas. No entanto, essa pluralidade é fonte de tensão e contradição tanto na auto-representação quanto na ação social.

Thompson (2002) acredita que a subjetividade humana existe não apenas na utilização da história oral, mas que contribuiu com textos em matrizes teóricas e metodológicas. Para ele, essa condição, no sentido mais amplo, é inerente a qualquer tipo de documento histórico. Segundo suas conclusões, ao contrário dos positivistas, o fato de qualquer documento ser escrito e oficial não o torna mais fiel à realidade vivenciada neste trabalho compreende-se, e a única solução prática para tais problemas conceituais é obedecer à história que temos sobre fonte de crítica sistemática.

Sato (2009) destaca a importância de conhecer esse lugar:

Conhecer e compreender a comunidade quilombola de Mata Cavalo, registrando e valorizando seus hábitos, cultura e modo de vida, suas expressões artístico-culturais, suas relações de gênero, sua espiritualidade, seus saberes que revelam aspectos de sensibilidade, de visões de mundo, de escolhas e possibilidades de vidas sustentáveis, envolvendo a comunidade em processos formativos educacionais. A articulação em ouvir as inúmeras vozes, nos levará a um amplo diagnóstico dos conflitos ambientais na região. Aliando todas essas propostas na construção de indicadores de sustentabilidade,

evidenciando a Educação Ambiental como uma das possibilidades para melhorar as condições de vida da biorregião, no marco dos cuidados ecológicos, na aliança indissociável da natureza e da cultura (Sato, 2009, p. 09).

Ainda há inúmeros quilombos existentes pelo território brasileiro e, claro, diversas comunidades negras em que venham nos ensinar sobre igualdade, respeito a sua cor, crença, identidade e memórias. Ao tratar sobre lugar de pertencimento que enraíza seus moradores a partir de uma trajetória de lutas, vivências, história, de vida e vinculações de um território não é visto somente como um mero espaço em que se tira sua subsistência. Por si só, é um lugar privilegiado garantindo a sua sobrevivência espiritual.

Nesse viés, Belém (2008, p. 68) coloca que “assim como a cultura e natureza se fundem para o grupo, a arte também se integra à cultura, à natureza, à religiosidade, à festividade, ao lazer e a todos os aspectos da vida cotidiana, o que nos leva a crer na urgência de uma revisão sobre os nossos conceitos de cultura”.

Para Vieira (2009, p. 08):

Entendemos que a memória é um processo de composição em torno da relação corporal com o objeto memorizado. A sua natureza é múltipla, uma vez que para sua composição e podem ser acionados os diversos modos de percepção, a memória precedente em relação ao objeto, sentimentos e emoções. Do mesmo modo, o processo de evocação da memória composta do objeto experimentado pelo corpo humano parece ser também múltiplo, podendo responder ao seu modo de composição.

Todo o debate em torno da memória até agora levanta uma questão fundamental. Trata-se de uma aproximação entre os conceitos de tempo e memória. Brandão (2008, p. 68) questiona:

se a memória se refere ao passado, como ela pode se relacionar com o presente? Não há maneira viável de lidar com uma parte da outra sem levar em conta a interação entre as duas e, se olharmos para trás através da memória, partimos do presente. Isso é relevante e desafiador porque carregamos sempre conosco o que os autores chamam de "memórias dos tempos", "tempo exterior, Cronos - objetivo, histórico, obsoleto, irreversível; e Tempo interior, Kairós - subjetivo, vivo, reversível".

Relacionado à mudança e reconfiguração, tempo interno possui a capacidade de ser reversível como a memória, assim como pode originar-se novas narrativas, escolhas ou cortes que fizemos no passado para dar sentido às mudanças significativas que são projetadas agora e, muitas vezes, para o futuro.

Esses conceitos foram aplicados, com algum esforço, à questão das escolhas feitas pelos integrantes de Mata Cavalo, a partir dos impulsos do movimento negro. Em algum momento de sua história, houve a necessidade urgente de (re) estabelecer uma identidade específica para poder

resolver seus problemas no futuro da história, no caso a identidade relacionada ao credo, raça, costumes e suas marcas.

Mesmo quando considerado o tempo fragmentado do mundo globalizado e sua temporalidade conceitual, a dinâmica do tempo e da memória pode ser vista como sendo capaz demonstrar marcas significativas de seu povo e costumes. Bauman (2005), afirma que os grupos humanos se estruturam em cultura e identidade porque:

Se somos aquilo que lembramos e esquecemos, vislumbramos novos caminhos e a abertura para reflexão e compreensão de como se constrói uma cultura, no seu sentido amplo, e como nela as memórias, nos tempos, podem ser um ‘antídoto’ ante o ‘desencantamento da existência’, nesse panorama complexo da ‘modernidade líquida’ (Bauman, 2005, p. 90).

Segundo relatos de alguns quilombolas, cedidos a mim durante o processo de pesquisa, a terra da Sesmária Boa Vida, *"esta não é uma terra de herança, esta é uma terra de luta, os quilombolas fugitivos devem enfrentar, buscar e lutar para permanecer em suas terras"* Como princípio permanente, a territorialidade – a terra – é o espaço de reprodução cultural e material dos grupos envolvidos. *"Aqui somos o que queremos ser, temos aqui nossa verdadeira identidade, nossas festas, ritos e a fé que temos em nossos antepassados"*.

Os quilombolas Mata Cavalo ressaltam que a identidade do grupo era diferente da situação dos antigos naquela época para os dias atuais: *"no passado eles mantinham suas lavouras, troca de produtos com parentes"*.

Sá (2005) destaca sobre o resgatar das memórias de seus ancestrais:

As formas como as pessoas viviam, as práticas culturais herdadas mudaram e muitas atividades deixaram de ser realizadas, ou são incipientes atualmente, tais como as rezas cantadas em dia de festa, o uso de plantas medicinais e a confecção de utensílios domésticos feitos pelos próprios quilombolas. Sob um processo de enraizamento biofísico e cultural, são estas referências para um princípio de pertencimento dos sujeitos que buscam construir uma identidade que localiza um morar no mundo (Sá, 2005, p.49)

Cabe aqui registrar que o artigo 68 da Lei das Disposições Constitucionais Provisórias e Decreto Presidencial nº 4.887/2003 (Brasil, 1988), que dispõe que procedimentos de identificação, reconhecimento, demarcação e posse de terras ocupadas por ex-escravos fugitivos. E grupos étnicos são aqueles que se identificam como étnico-raciais de uma comunidade auto identificam com trajetórias históricas própria, cujas relações territoriais facilitam sua reprodução e manutenção os aspectos físicos, econômicos e culturais de sua ancestralidade negra.

2.2 Religiosidade e cultura quilombola

Paul Gilroy (2001) defende a seguinte tese, em que considera uma cultura negra que se desenvolveu durante esses dois períodos Modernidade e Dupla Consciência, ambos os lados do Atlântico, dentro deste conceito explica as experiências vividas pelas pessoas que embora pela distância ou física unificada pela simetria cultural, identifica-os, trazendo novas explicações da Consciência Coletiva Negra territorial. Segundo Gilroy (2001, p. 13):

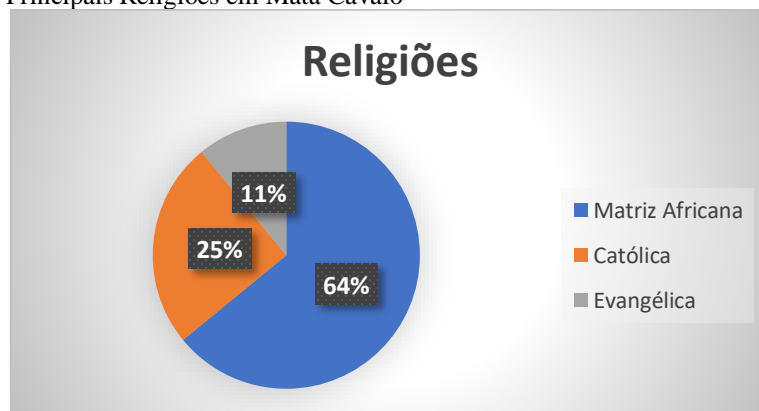
As culturas do Atlântico Negro criaram veículos de consolação através da mediação do sofrimento. Elas especificam formas estéticas e contra estéticas e uma distinta dramaturgia da recordação que caracteristicamente separam a genealogia da geografia, e o ato de lidar com o de pertencer.

Adaptados à inevitável perda, dor e distância, essas Culturas desenvolvidas em ciclos transatlânticos criam mecanismos de conforto, dependendo do valor estético e simbólico construídos por meio de recordações e consolidada na memória coletiva de geração a geração.

A Terra atua como um catalisador de sentimento de pertencer a certos territórios, para esses negros são feitos de comunidade africana de referência. Historicamente, seus ancestrais plantaram suas raízes nessas terras, através das quais constroem elementos culturais de sua identidade, em ser negros e quilombolas.

Hoje, em Mata Cavallo, existem três religiões principais: Catolicismo, Candomblé (matrizes africanas) e Evangelismo. Algumas pessoas têm apenas uma religião, mas frequentemente, duas ou três religiões diferentes predominam na mesma comunidade.

Gráfico 01 – Principais Religiões em Mata Cavallo



Fonte: Das entrevistas se observou que matriz africanas é a ainda a que predomina

Ter fé é tão importante quanto a vida. A mesma crença, em Mata Cavallo, é uma herança católica jesuítica, amadurecida no tempo e no espaço, refletindo as crenças religiosas de seu povo.

Ao viajar por espaços sagrados, sempre é possível escapar da escravidão, da dor e dos estados de incerteza.

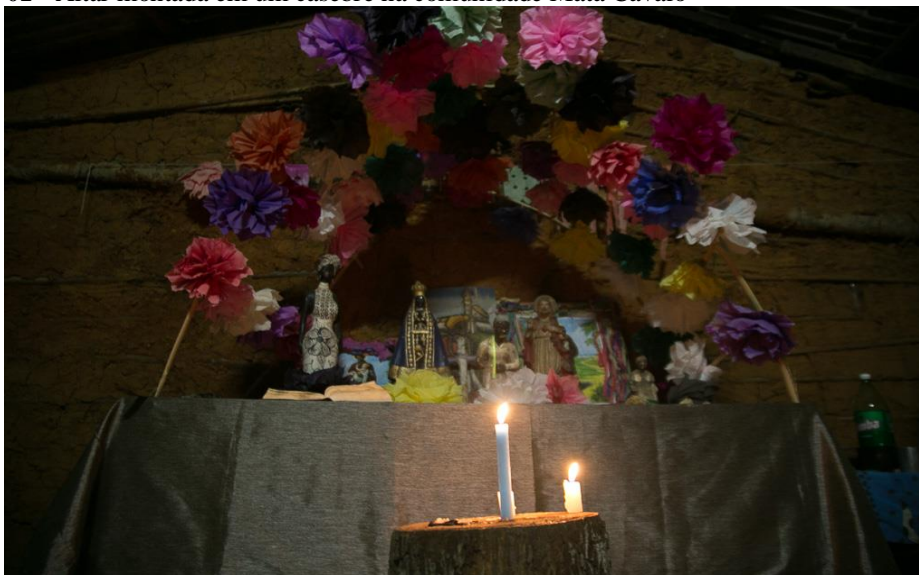
Em Mata Cavalo, santo católico não mais têm a mesma hegemonia que costumavam ter por causa do progresso da igreja. As igrejas evangélicas estão ganhando cada dia mais seguidores fiéis.

Paradoxalmente, em questões de escolha e contingência, as religiões de matriz africana não se cumprem a esse respeito. Conforme evidenciado pelos resultados de nossas entrevistas, a região é sua maior expressão. De 18 entrevistados no total, 10 de matrizes africanas, 6 católicos e apenas 2 afirmou ser evangélico. Umbanda é uma das muitas religiões que representam o mosaico religioso da África na diáspora.

No tecido social desta comunidade, a figura do benzedor é contundente, revelando a prática católica, herança colonial brasileira, a reconfiguração da sabedoria dos povos originários e a necessidade de atenção às doenças físicas e mentais em áreas onde os serviços públicos de saúde recebem pouca atenção. De fato, existe uma forma de rezar para cada doença, que está intimamente ligada à fé e ao sentimento de devoção. De acordo com várias entrevistas realizadas durante a pesquisa dos restos mortais, a crença foi amplamente praticada no passado, durou tempos e ainda persiste. É um elemento importante no meio da cultura de Mata Cavalo.

Os moradores da cidade de Cuiabá e demais municípios do estado, sendo fiéis à religião Umbanda e ao Candomblé, as simpatizantes e curiosos acabam muitas das vezes visitando o quilombo atrás de benzimentos e bem claro participando das inúmeras festividades da comunidade.

Fotografia 01 - Altar montada em um casebre na comunidade Mata Cavalo



Fonte: Acervo do autor (2023)

Ao entrevistar uma professora do local, que também é benzedeira, aqui denominada pela sigla (P1) nos foi ressaltado por ela:

Nós temos o crucifixo do nosso Senhor Jesus Cristo crucificado, tem o Divino Espírito Santo, tem a Nossa Senhora, São Benedito, Santo Antonio e as imagens de São Miguel e São Gabriel. A pessoa fala que ta precisando de oração aí a gente vem e coloca os santos aí. E aí as pessoas vem e o altar já ta preparado, aí é só começar o terço, é só rezar. Graças a Deus nós temos êxito aqui, todas as pessoas que vem aqui recebe êxito, a benção de Deus. Porque todas que vem aqui sai curado, graças a Deus. A gente pede pro Pai (ela olha para cima) e a ajuda vem do alto, mas depende da boa vontade das pessoas também. Ter fé. Porque é impossível receber sem a fé (P1).

Não é preciso muito para perceber que neste local de rituais a cura tem laços profundos com a prática católica. Cerimônia, oração do rosário, a novena, a forte presença do padre, a devoção e a fé aos santos da Igreja Católica, permitindo essa comparação na medida em que percebemos seu caráter híbrido maduro. Influenciado pelo tempo e pelas religiões e crenças das matrizes africanas e até mesmo indígena.

2.3 Congo

A dança do Congo é uma das maiores expressões culturais que representa a força desta tradição ancestral em Mata Cavallo. Essa dança é uma tradição que vem de tempos antigos. Dança ensinada praticada nas festividades de São Benedito.

Fotografia 02 – Dança do Congo no Quilombo Mata Cavallo



Fonte: Grupo de Dança do Congo do Quilombo Mata Cavallo.

Para Dantas (1995, p. 93):

O reconhecimento social do Congo como um conhecimento eminentemente negro, na perspectiva do processo ensino/aprendizagem, recupera para os negros e para a sociedade, a identidade dos negros como sujeitos e como produtores de cultura. Como um fenômeno educativo de alcance étnico, apresenta o negro como concretude na sociedade local, regional e nacional; apreende sua existência como real e viva. Evidencia-se a possibilidade de ser-no-mundo – negro, com outros negros, com outros brancos. Uma forma de aprender a ser negro no arrepio dos parâmetros racistas, mantendo uma saída para fora do vínculo do branqueamento e da integração da imagem branca do negro.

A recuperação da Dança do Congo fez parte das ações em restaurar os valores culturais do negro. Segundo o testemunho de D. Teresa, a presidente desta comunidade quilombola, as várias formas de tradição é essencial para a sobrevivência da comunidade. Em suas palavras *"nossa religião é coisa do passado, então é o nosso futuro, comemoração, nossa memória e nossos ancestrais"*.

2.4 Siriri

Praticamente tudo o que se sabe sobre o Siriri é baseado no “boca a boca” ou por meio da produção da própria comunidade. Portanto, é impossível determinar a data de origem dessa dança. Sabe-se que ela é dramática é realizada principalmente no campo. Nas comunidades ribeirinhas, ela está presente na maioria das festas locais, como: casamentos, batizados, carnavais, aniversários e festas tradicionais e de santos.

Essa expressão cultural, juntamente com o Cururu, é um marco. Uma das principais danças teatrais de Mato Grosso. Embora o Siriri possa ser encontrado no nordeste do país, a forma bem diferente, até mesmo como roda Infantil (SEC)⁴

O siriri - uma música ligeira de autoria desconhecida - é também uma dança de roda infantil no Nordeste. [...] expressam suas filosofias de vida, preconceitos, dúvidas, certezas, alegria e bom humor, ressaltando os valores que estão incrustados na cultura popular nordestina (VAINSENER, 2007).

⁴ <http://www.cuiaba.mt.gov.br/noticia.jsp?id=7334>. Acesso em 21 de jun de 2023.

O primeiro registro de Siriri no Mato Grosso foi feito pelo etnólogo Max Schmidt, em seu livro *Estudos de Etnologia Brasileira*, 1900. Pesquisa no estado de Mato Grosso, observação da dança no quilombo Mata Cavalu. Segundo os etnólogos, a dança Siriri era muito popular em Mato Grosso e era executada por "Componentes da população negra" (Schimidit, 1942).

Como não se dispunham de mais instrumentos, cobriram-se algumas bandeiras com couro, à guisa de tambores, e os pratos fizeram de caracaxá (reco-reco), em que tocavam ritmicamente por meio de garfos. Havia muitas variações e os movimentos eram cada vez mais rápidos, principalmente no fim, quando os dançarinos já não vinham em par e sim cada um de por si (Schimidit, 1942, p. 30).

Em todas as festividades que acontecem na comunidade do quilombo, o siriri sempre está presente no calendário de eventos local. Ritmo e movimentos, traduzidos com danças Siriri e Cururu em grupos existentes em diversas áreas da Baixada Cuiabana, consolida-se o processo de interação de intercâmbios culturais que ocorreram ao longo dos séculos, desde a conquista dessas regiões. Os negros africanos incorporaram seus próprios elementos culturais no processo de integração da rica cultura regional, incluindo tradições cuiabanas e mato-grossenses.

Fotografia 03 – Ensaio de Siriri



Fonte: Mulheres e meninas quilombolas ensaiando siriri para festejos de santos

A inserção da cultura quilombola fez com que a dança siriri ganhasse renome e prestígio social em meios às festividades do estado do Mato Grosso:

[...] é uma manifestação muito importante na cultura matogrossense e por estar presente na maioria das festas religiosas e populares: as festas do Senhor divino, São Benedito, Espírito Santo, Semana Santa ou São João e Junina. Os cururueiros, homens que tocam

suas violas de cocho e seus ganzás, noite adentro sem parar, não também os responsáveis, entre outras, por toda a animação do Siriri e da Dança de São Gonçalo. Nas palavras de Mendes (1997, p. 21- apud Grando - 2005), os cururueiros, cantando e dançando com movimentos coreográficos por vezes elegantes [...], cuja poesia não raro demonstra perspicácia, argúcia e inteligência dos comparsas, que assim patenteando admirável força dos pulmões e do físico, os cururueiros atravessam a noite e parte do dia seguinte, sem parar, com revoluteios dos corpos que parecem incansáveis, como que movidos por molas inquebráveis (Grando, 2005, p. 21).

A manutenção, mais especificamente das danças Siriri e Cururu, se deve a persistência de pequenos grupos em comunidades rurais de Mato Grosso, garantido viva a tradição. O Siriri é considerada uma das danças mais antigas de Mato Grosso e, assim como outras expressões culturais originárias de comunidades “tradicionais”, passou por um processo de redefinição.

Santos (2010) elucida as contextualizações sobre a genuinidade do Siriri e Cururu para cultura popular:

Essa contextualização é necessária para que se compreenda a própria ideia (e o lugar) da “cultura popular” na contemporaneidade. Como ainda poderíamos adotar a concepção essencialista de cultura popular, baseada somente na oralidade e/ou produção manual, se 1) não há mais as fronteiras geográficas (territoriais) que isolam as comunidades produtoras (brincantes, mestres, artesãos) 2) posto que as novas tecnologias e a mídia “eliminam” as distâncias entre essas comunidades e os centros das cidades e 3) o contexto sociocultural, político e econômico é diverso do século 19, quando ocorria uma “construção da nação” (BURKE, 2010), e do começo do século 20, com a evolução tecnológica em seu início

Esta dança tipicamente mato-grossense é aberta a homens e mulheres que formem casal. O foco do festival é a dança, que, exige habilidades específicas de performance. Porém, participar da dança não exige domínio da técnica e funcionamento de um instrumento ou improvisação de versos.

Por fim, observamos por meio das contribuições trazidas pelos entrevistados que ainda é forte os costumes e crenças dos antepassados desse lugar, uma afirmação que, ao mesmo tempo em que espelha a capacidade de resistência das comunidades, pode atuar ativamente para esta mesma resistência. Isso ocorre na medida em que produz uma consolidação de conceitos coletivos, em que promove a dramatização da identidade. É particularmente importante para os grupos sociais que se envolvem em atividades diárias sob ameaça permanente, como é o caso dos quilombos.

2.4 Arte-educação como mediação de diálogos entre história e memórias

O ato de educar ou a educação, nada mais é que o ensino-aprendizagem da cultura, que na fenomenologia, se apresenta sob a forma histórica da existência (REZENDE, 1990, p. 59-61). A “fenomenologia só é acessível a um método fenomenológico” (MERLEAU-PONTY, 1999, p.2), que não percorre no sentido de determinar uma forma do fenômeno se direcionar, se caracteriza pela busca da compreensão, embora com a certeza de que nunca a alcançará, este é um método de aprendizagem alinhado à experiência cultural. Na fenomenologia da educação, se discute, a educação e o mundo, a educação e a cultura, reconhecendo-os em um caráter que apresenta uma dimensão universal onde se situam outras diversas experiências (REZENDE, 1990, p.27-59).

“Minha perspectiva é dialética e fenomenológica, [...] Freire rigoroso no essencial, acerca da contribuição com a libertação, não se deixava aprisionar por métodos, regras e etiquetas formais das ciências e das academias” (PASSOS, 2010, p.185-188). Diante disso, percebe-se que, “na fenomenologia toda a incursão de querer cabalmente explicar o mundo, é inútil. Querer, definitivamente explicá-lo – é loucura!” (PASSOS, 2014, p. 40).

É sabido que a arte-educação é conhecida por dar uma contribuição significativa para uma vida humana completa como uma transformação social. “Através da arte, podemos desenvolver a consciência e a imaginação para compreender a realidade do nosso ambiente” (BARBOSA, 2008, p. 100).

Entretanto, Chartier (2020, p. 51-52) acrescenta que: “As representações não são simples imagens de uma realidade que lhes seria externa; elas possuem uma energia própria que leva a crer que o mundo ou o passado é, efetivamente, o que dizem que é.” As representações não devem ser entendidas como verdades finalísticas de um determinado objeto ou passado, mas, como o que faz sentido para aquele indivíduo ou grupo de indivíduos que estabelecem aquela representação como sendo real.

Nesse campo fértil de inúmeras representações que conversam com o sagrado, costumes, coletividade entre o passado e o presente, em que emergem discussões a serem colocadas no processo de ensinar:

Arte-educação é uma área de estudos extremamente propícia à fertilização interdisciplinar e o próprio termo que é designo de nota pelo seu binarismo a ordenação de duas áreas num processo que se caracterizou no passado por um acentuado dualismo, quase que uma colagem das teorias da educação ao trabalho com material de origem artística na escola, ou vice e versa, numa alternativa de subordinação (BARBOSA, 2006, p. 12 e 13).

Nas questões referentes à escola, o patrono da educação deixa claro que não é somente na escola que se aprende, mas em todas as relações. “A escola, para Paulo Freire, não é só um lugar para estudar, mas para se encontrar, conversar, confrontar-se com o outro, discutir, fazer política [...] e está intimamente ligada à sociedade que a mantém” (GADOTTI, 2010, p-154-156).

Se estivesse claro para nós que foi aprendendo que aprendemos ser possível ensinar, teríamos entendido com facilidade a importância das experiências informais nas ruas, nas praças, no trabalho nas salas de aula das escolas, nos pátios dos recreios, em que variados gestos de alunos, de pessoal administrativo, de pessoal docente se cruzam cheios de significação (FREIRE, 1996, p. 50).

A educação é um ato social, atuante, tem cunho contínuo e cumulativo, jamais se para de aprender, logo, “a essência da educação é a natalidade, o fato de que seres nascem para o mundo” (ARENDRT, 2016, p. 131). Ou seja, o sujeito é inserido em universo que se constitui muito antes de sua nascença, e, mediante a educação, ela (ele) tem a habilidade de aprender e (re) aprender, inventar e (re) inventar continuamente, evento que lhe possibilita pensar e agir politicamente, ter esperança, batalhar por sua libertação, e, portanto, mudar sua realidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, busquei tratar as relações existentes entre os moradores do quilombo Mata-Cavalo – em busca da integralidade por meio da educação, das mais variáveis históricas contadas, socioeconômicas, culturais, políticas e raciais estão interligadas nas falas trazidas aqui.

Aqui tento delinear possíveis teorias, metodologias, legitimação da musicalidade, teatralidade entre a fé e o sagrado e da produção musical vocal no campo da performance cultural tradicional e seus ricos detalhes. Sem pretender demarcar fronteiras, aponto uma área ampla e vasta que requer uma abordagem multidisciplinar na escuta de memórias vocais “corporificadas” como produções sócio-históricas. Isto abre várias dimensões. Sendo um movimento pós-Artigo 68, tem dimensões regionais e nacionais e uma dimensão continental na formação de quilombos da diáspora africana nas Américas. Tudo revela a riqueza das formações culturais e as possibilidades de resistência à escravidão e aos consequentes processos de confisco territorial e de imposição da sociedade e da cultura dominantes.

Ao desvendar a história social passada e presente, fomos capazes de identificar a trajetória de luta e conflito que parece ter a terra no seu centro. Porém, se você observar todo o processo, verá que existe outra ordem de motivação que obriga a outra parte a assumir o controle do território antes ou depois de ele ser tomado.

Ao entrevistar alguns moradores (as), foi possível perceber, nas suas falas a preocupação com a manutenção do legado, que passa por tensão gestadas pela globalização, e afetam diretamente as comunidades, pois estas não estão isoladas. Os filhos e netos não se interessam mais em querer aprender esses saberes, gradativamente a um abandono do ofício, da tradição viva, do legado do saber-fazer ancestral. A pesquisa buscou reafirmar a importância dessas tradições. No campo da educação formal, foi possível entrevistar as duas professoras mais antiga, que ao descrever suas experiências, desvelou seu compromisso com o ato de educar e reforçar o compromisso. Não foi possível para neste trabalho de modo mais efetivo as vozes das pessoas que participaram desta pesquisa, mas que serão trazidas de modo mais abrangente em futuras pesquisas a serem desenvolvidas.

Ao findar de nossas narrativas sobre a história deste povo único, ficam algumas indagações, em vez de respostas, que abrem perspectivas que instigam a pesquisas acadêmicas futuras em torno da arte e cultura. Como essa comunidade constrói seu processo de auto-identificação quilombola?

Observamos que a busca pela legitimidade em torno das crenças religiosas fez parte do processo pelo qual os africanos ex-escravizados se integraram ao Brasil, retribuindo-o de significado e permanência e de certa forma, o culto religioso perpetuado em eventos coletivos e festivos nesta comunidade, tanto na preparação quanto na execução, legitima as celebrações realizadas e altera sua relação com o sagrado e com outras comunidades quilombolas.

REFERÊNCIAS

- ARENDDT, Hannah (1906-1975). **Entre o passado e o futuro** / Hannah Arendt; tradução. Mauro W. Barbosa]. São Paulo Perspectiva. (Debates; 64 / dirigida por J. Guinsburg).8ª edição, 2016.
- AMARAL, Rita de Cássia de Mello Peixoto. **Festa à brasileira significados do festejar no país que “não é sério”**, Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 1998.
- BARBOSA, Ana Mae. (Org.) **Arte-educação Contemporânea: consonâncias internacionais**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008.
- BAUMAN, Zygmunt. **Globalização: as conseqüências humanas**. Tradução Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.
- BARCELOS, Silvânio Paulo de. **Quilombo Mata Cavalo: terra, conflito e os caminhos da identidade negra**. Cuiabá: UFMT, 2011.
- BRANDÃO, Vera Maria Antonieta Tordinio. **Labirintos da memória: Quem sou?.** São Paulo: Paulus, 2008.
- BELÉM. Lei nº 8.655, de 30 de julho de 2008. **Dispõe sobre o Plano Diretor do Município de Belém, e dá outras providências**. Câmara Municipal de Belém. Disponível em: http://www.belem.pa.gov.br/planodiretor/Plano_diretor_atual/Lei_N8655-08_plano_diretor.pdf. Acesso em: 6 ago. 2021.
- CASTELLS, M. **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CHARTIER, Roger. **A história ou a leitura do tempo**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.
- FISCHER, Nilton Bueno; LOUSADA, Vinícius Lima. Erudito/saber popular/saber de experiência. In: STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (Orgs.). **Dicionário Paulo Freire**. 2. ed., rev. amp. 1. reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 1. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GOMES, Flávio. **Experiências atlânticas: ensaios e pesquisas sobre a escravidão e o pós-emancipação no Brasil**. Passo Fundo: UFF, 2003.
- GADOTTI, Moacir. **Educação popular, educação social, educação comunitária: conceitos e práticas diversas, cimentadas por uma causa comum**. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA SOCIAL, 4. 2012, São Paulo. Associação Brasileira de Educadores Sociais.

Disponível em: <1 EDUCAÇÃO POPULAR, EDUCAÇÃO SOCIAL, EDUCAÇÃO COMUNITÁRIA Conceitos e práticas diversas, cimentadas por uma causa comum>. Acesso em: 28/03/ 2022.

GADOTTI, Moacir. **Escola**. In: STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (Orgs.). **Dicionário Paulo Freire**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1978.

GRANDO, Beleni Salete. **Cultura e Dança em Mato Grosso**: Catira, Curussé, Folia de Reis, Siriri, Cururu, São Gonçalo, Ranqueado e Dança Cabocla na região de Cáceres. Cuiabá/MT: Editora Unemat, 2005.

HOOKS, Bell. **Olhares negros: raça e representação**. Tradução Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa (Org.). **Currículo: Políticas e Práticas**. 3. ed. Campinas, São Paulo: Papyrus, 2001.

NORTON, B. **Identity and language learning: gender, ethnicity and educational change**. London: Pearson Education, 2000.

PASSOS, Luiz Augusto. **Pesquisa em Educação Ambiental**, vol. 9, n. 1 – págs. 38-52, 2014
DOI: <http://dx.doi.org/10.18675/2177-580X.vol9.n1.p38-52>.

PASSOS, Luiz Augusto. Fenomenologia. In: STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (Orgs.). **Dicionário Paulo Freire**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010, p.185-188.

PASSOS, Luiz Augusto. **Currículo, Tempo e Cultura**. Tese (Doutorado) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP, São Paulo/SP, 2003, 407 f.

REZENDE, A. M. de. **Concepção Fenomenológica da Educação**. Coleção Polêmicas do nosso tempo, v. 38. São Paulo: Cortez / Autores Associados. 1990.

ROMÃO, José Eustáquio. **Educação**. STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (Orgs.). **Dicionário Paulo Freire**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010, p. 133-134.

SÁ, Lais Mourão. Pertencimento. In: FERRARO JUNIOR, Luiz Antônio (Org.). **Encontros e caminhos: formação de educadoras (es) ambientais e coletivos educadores**. Brasília: MMA, Diretoria de Educação Ambiental, 2005, p. 245- 256.

SANTOS, Antônio Bispo dos. Colonização, **Quilombos, Modos e Significações**. Brasília: INCTI/UnB, 2015.

SANTOS, Giordanna Laura. A Dança Siriri na contemporaneidade em MT: ressignificações, novas relações e trocas - **Revista Internacional de Folkcomunicação**, vol. 9, núm. 17, enero/junio, 2011, pp. 1-17-Universidade Estadual de Ponta Grossa Ponta Grossa, Brasil.

SANTOS, Milton. **Metamorfose do Espaço Habitado**. Fundamentos teóricos e metodológicos da Geografia. Quinta edição. Editora Hucitec, São Paulo, 1997.

SANTOS, Maria dos Anjos Lina dos. **Famílias e educação em Mata Cavallo** – UFMT, 2021.

SATO, Michèle; SENRA, Ronaldo. **Estrelas e constelações aprendizes de um grupo pesquisador**. In: Ambiente & Educação, v.14, n.2, p.139-145, 2009.

STRECK, Danilo Romeu. **A pesquisa em educação popular e a Educação Básica**. Práxis Educativa, Ponta Grossa, v. 8, n. 1, p. 111-132, jan./jun. 2013 Disponível em: <<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/praxiseducativa>>. Acessado em 17 de agosto de 2021

VAINSENER, Semira A. “**Siriri**”. Recife, 3 de janeiro de 2007. Site Fundação Joaquim Nabuco. <<http://www.fundaj.gov.br/notitia/servlet/newstorm.ns.presentation.NavigationServlet?publicationCode=16&pageCode=317&textCode=9684&date=currentDate>>. Acesso em 21 de Jun de 2023.

VIEIRA, Sulian. **O Corpo Ressoante: Voz, Palavra e Desejo em Cena**. Revista do Programa de Pós-Graduação em Arte da UnB, V.8 no. 2 julho/dezembro, páginas 9-17, Brasília, 2009.